



Não dá pra viver sem linguagem

BETO VIANNA

Resumo

Este texto traz algumas reflexões sobre o espaço relacional do humano e outros seres vivos, e sobre as distinções que fazemos na (e sobre a) linguagem, tanto no discurso científico quanto em nosso dia a dia.

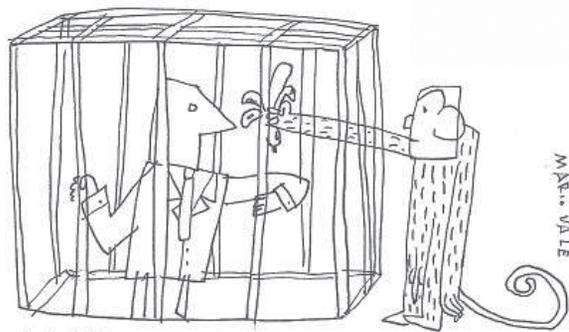
Palavras-chave

Linguagem não humana, coontogenia, Santos Dumont, Clever Hans

BICHO FALA?

No dia a dia, vemos as pessoas brincando, namorando e brigando, e sabemos que elas fazem isso conversando umas com as outras. E os animais? Não parecem fazer o mesmo? Além disso, a experiência de muitos de nós é que entendemos os desejos do nosso cãozinho e, ainda, que ele entende o que dizemos a ele. Afinal, os animais falam?

Se você fizer essa pergunta a um cientista, principalmente daqueles que entendem do assunto (um linguista, um psicólogo, um biólogo), ele irá lhe explicar que, embora animais comuniquem entre si, a linguagem é um dom exclusivo do ser humano. Esse cientista pode lhe dar razões diversas pra fazer essa distinção, seja listando as características da linguagem, seja apontando o que diferencia os humanos dos outros seres. No primeiro caso, poderá dizer que só o humano fala sobre coisas que es-



tão “em outro lugar” ou “outra época”, ou que só o humano combina sons para formar palavras e frases. No segundo caso, o cientista irá lhe explicar que só o humano tem “consciência”, “razão”, ou “cultura”, ou um cérebro capaz de produzir coisas tão maravilhosas. Sempre parece tratar-se de algo que o humano tem, e falta aos outros seres, obrigando-nos a chamar o que os outros seres fazem entre si (por mais bem sucedido que seja), de comunicação,



e aquilo que nós, humanos, fazemos entre nós (por mais mal sucedido que possa parecer), de linguagem. Finalmente, o cientista irá explicar que é muito grave o pecado de *antropomorfismo*: atribuir características exclusivamente humanas (como a linguagem), a outros seres vivos, máquinas ou objetos inanimados.

É melhor deixar por enquanto a linguagem de lado, e falar de coisas mais simples, como voar. E gente, voa?

O QUE É VOAR?

Reza a lenda que Alberto Santos Dumont, o brasileiro que inventou o avião, quando era criança, brincava de adivinhas com a molecada da fazenda. À pergunta “gente voa?”, Albertinho respondia na lata: “voa!”. Os amigos caçoavam, mas o menino não arredava pé dessa ideia maluca. Em uma versão dessa lenda, Santos Dumont tirou a crença na habilidade voadora humana dos livros de Júlio Verne, o escritor que antecipou, no século XIX, futuras invenções, incluindo o avião. Tenho outra versão para a obstinação de Santos Dumont. Seu raciocínio prático lhe dizia que pouco importa se gente voa com as próprias pernas (ou braços), pois podia fazer uso daquelas máquinas maravilhosas, inventadas ou por inventar.

Afinal, o que é voar? Ou, melhor: quando podemos dizer que alguém ou algo está voando?

Se você está convencido de que há uma grande diferença entre o voar de um pássaro e voar *em* um avião, convido-o a olhar essa relação de perto. Sim, trata-se de uma relação, pois ao observamos um animal voando – ou um super-herói – não é a imagem do bicho que nos dá certeza que tem voo na jogada. É o encontro entre o bicho e o espaço à sua volta. Uma avestruz batendo as asas não está voando, e o Super Homem, naquela pose de campeão olímpico, definitivamente está.

Da mesma forma, não é a “biologia” do bicho que produz o voo, se entendermos biologia como uma estrutura pré-determinada, ou “herdada” (lembre-se de que nenhum pássaro ou inseto nasce voando). É claro que asas ou

motores ajudam, mas o fundamental é que, de alguma maneira, o bicho, a pessoa ou a coisa estabeleça tal relação com o espaço circundante que, ao observarmos essa relação, dizemos: olha, está voando!

Às vezes, o tamanho faz o trabalho sozinho, pois quanto menor o bicho, menor o volume em relação à área, fazendo do voo quase uma obrigação. Algumas formigas são tão pequenas, que, mesmo sem asas, têm mais dificuldade em se manter grudadas à superfície terrestre do que, naturalmente, sem esforço, sair por aí flutuando. Uma avestruz, por outro lado, precisaria de uma asa tão grande para se elevar do solo que só o peso do maquinário (músculos, ossos, pele...) necessário para tanta asa já condenaria o voo do bicho. Dumbo, o elefante voador, é uma história muito mal contada (ou seja, Júlio Verne é um contador de histórias melhor que Walt Disney). De fato, é a biologia que faz um ser vivo voar. Mas pra isso acontecer, precisamos melhorar um pouco nossa definição de biologia.

Disponível em:
<http://blog.los40viajes.es/blog/category/deportes-extremos/>



Humano vestido para voar.

ONTOGENIA

Quando um morcego bate asas, cria-se uma relação específica entre o organismo e o seu entorno, tendo, como resultado, nós observamos o fenômeno do voo. Do mesmo jeito, se vestimos um paraquedas, ou nos acoplamos a uma asa delta, ou nos sentamos em um ultraleve, mudamos nossa estrutura, ou seja, mudamos nossa biologia, mudando a relação entre nosso corpo e o ambiente.



Muitos animais e outros seres vivos fazem coisas parecidas. Quando um passarinho utiliza um graveto para alcançar uma larva escondida em um tronco, ele está mudando sua biologia, mudando a estrutura do seu bico para poder catar o bichinho. E se uma pessoa, em um canteiro de obras, coloca um capacete, muda a sua estrutura e diminui a chance de se ferir, caso caia um tijolo em sua cabeça.

Todos os exemplos que eu dei - o voo, o jeito de se alimentar, a proteção do corpo contra perigos externos - são fenômenos biológicos, de mudança na estrutura física e no modo de vida. Mas essas mudanças não estão pré-determinadas na fisiologia do organismo, elas dependem da ação do ser vivo para que aconteçam, estão no domínio do comportamento, e não da determinação biológica.

Nesse ponto, muitos cientistas irão discordar de mim, e dizer que os comportamentos animais que eu descrevi são “instintivos”, ou geneticamente determinados. O problema é que toda vez que não sabemos como um comportamento surge, dizemos que ele é “instintivo”. Dizemos que o cérebro, ou outra parte da fisiologia daquele animal, está programado para fazer aquilo que faz, mesmo sem termos investigado como é que aquele comportamento surge na vida do animal. Assim, prefiro não usar a palavra “instinto” em minhas explicações, mas precisamos saber que ela faz parte de uma tradição bastante respeitada, até hoje, na ciência.

Outra característica que os fenômenos têm em comum é que, observando os organismos

se comportando de tal ou tal maneira, o que estamos vendo é uma determinada relação entre o organismo e o ambiente. Podemos então dizer que todos esses fenômenos são ao mesmo tempo *biológicos* (têm a ver com o vivo e com o viver), *comportamentais* (têm a ver com a ação do organismo) e *relacionais* (observamos uma determinada relação entre o organismo e o meio).

Os comportamentos ocorrem durante a ontogenia do ser vivo. *Ontogenia* é o desenvolvimento individual, o conjunto de mudanças que um ser vivo passa desde que surge, até a sua morte. Um organismo - uma pessoa, um cachorro, uma árvore - muda de estrutura durante toda a sua ontogenia. Mudamos quando crescemos e nos tornamos adultos, mudamos quando os cabelos ficam brancos na velhice, mas também mudamos de estrutura no simples gesto de levantar um braço. Então, o que importa não é o fato de o organismo mudar (pois ele sempre muda!). A diferença é que, como observadores, apontamos para a mudança e dizemos: “olha, aquela moça está voando de asa delta!” Ou: “o passarinho conseguiu pegar a larva!” Ou ainda: “que sorte que aquele pedreiro estava de capacete quando o tijolo caiu!”. Ou seja, somos nós, observadores, ao descrevermos o organismo agindo em um meio, que dizemos que houve tal e tal comportamento, e que tal mudança estrutural está implicada naquele comportamento observado, naquela relação particular estabelecida entre o organismo e seu meio.

E a linguagem?

O QUE É LINGUAGEM?

Sabemos que, além de se relacionarem com o meio - seja esse meio “inerte” (como o ar ou o tijolo), ou vivo (como a larva que o passarinho pega com o graveto) - os seres vivos relacionam-se também entre si, enquanto seres da mesma espécie, ou da mesma linhagem.

Sabemos disso, pois, como dito no início do texto, é parte da nossa experiência observar que não só as pessoas, mas também os animais, brincam, namoram e brigam. Digo “animais”, mas a observação poderia se estender a outros seres vivos. O problema é que achamos difícil dizer o mesmo sobre as plantas, pois não conseguimos observar “movimento”, ou seja, não estamos



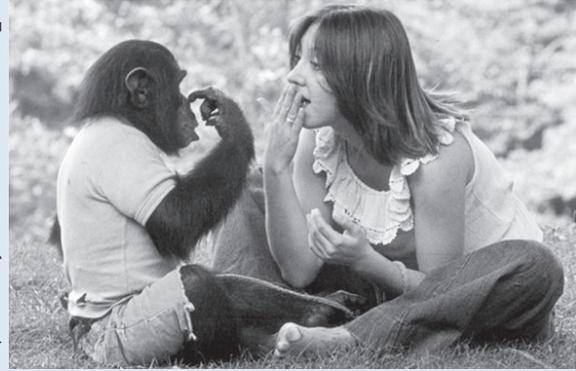
acostumados a perceber, nas plantas, mudanças estruturais historicamente ligadas às relações que elas mantêm entre si ou com outros organismos. Não é à toa que atribuímos alguns desses comportamentos só aos mamíferos, que estão ligados a nós por uma história de família (nós somos mamíferos!), ou apenas aos animais domésticos, ligados a nós por uma história de convivência.

Quando os organismos interagem, duas coisas podem acontecer: eles se encontram apenas uma vez e a história termina (como o passarinho faminto e a pobre larva), ou esse relacionamento continua, ou seja, estabelece-se uma história de interações.

Vimos que todo ser vivo passa por uma história individual de mudanças estruturais: a ontogenia. *Coontogenia* é a história continuada de relações entre dois organismos, dois sistemas ontogênicos que, ao se relacionarem por algum tempo, desencadeiam mudanças estruturais um no outro. Ou seja, as mudanças estruturais por que passa cada indivíduo em sua ontogenia, serão agora coerentes com a história de interações. As interações recorrentes (que acontecem todo o tempo) estabelecem um domínio de ações consensuais entre os seres vivos – pessoas, animais, mesmo as árvores! – em sua coontogenia, em suas relações continuadas.

Nos anos 1980, o biólogo chileno Humberto Maturana e seu aluno Francisco Varela, chamaram esse domínio de ações consensuais de *coordenação de ações*. É através da manutenção das coordenações de ações entre organismos de um certo

http://www.nytimes.com/2011/07/08/movies/project-nim-about-a-chimpanzee-subjected-to-research-review.html?_r=0



O chimpanzé Nim Chimpsky e uma cuidadora conversam na língua de sinais. Disponível em:

tipo, de uma mesma linhagem, que se estabelece um sistema social.

Um sistema social é uma rede de ações consensuais, coordenadas, que se mantém enquanto os organismos participantes dessa rede permanecerem vivos, coordenando suas ações. Se os organismos morrem, ou deixam de coordenar suas ações, o sistema social se desfaz. O interessante é que não apenas os sistemas sociais dependem dos organismos individuais para existir: assim que os organismos passam a fazer parte de um sistema social, de um determinado domínio de coordenações de ações, eles também precisam continuar a coordenar suas ações de determinada maneira para continuar vivos, para realizar seu modo particular de viver (às vezes falamos de sociedade e indivíduo como se fossem fenômenos opostos, antagônicos, mas se aceitarmos a descrição proposta pelos biólogos chilenos, sociedade e indivíduo são constitutivos um do outro: um precisa do outro para existir, para conservar o seu modo de existência).

MAS ENTÃO, O QUE É LINGUAGEM?

Quer dizer que a linguagem humana é igual ao que faz todo ser vivo? Basta coordenar ações e estamos todos - pessoas, micróbios e

árvores – na linguagem? Os biólogos chilenos não concordam com isso. Eles dizem que nós, observadores, aqueles que dizemos as coisas uns aos outros, coordenamos mais do que ações: coordenamos os nós na rede de conversação a que chamamos palavras. Para Ma-



turana, é na linguagem (ou “linguajar”, como ele prefere) que surge o humano, e, para conservar seu modo de vida particular, o humano vive nesse “fluir de interações recorrentes”.

Mas como sou eu quem escreve este texto (aqui, eu sou o observador), peço permissão aos biólogos chilenos e utilizo suas descrições para contestar a distinção, bastante corrente em ciência, entre linguagem humana e comunicação de outros seres.

Vimos no início do texto que os cientistas utilizam dois tipos de argumento para diferenciar linguagem de comunicação. No primeiro, a linguagem é tomada por um objeto natural, com características que faltam na comunicação dos outros seres: só a linguagem diz coisas “sobre o mundo”, e só a linguagem tem certas regularidades estruturais e combinatórias: sons, que formam palavras, que formam frases.

Mas se levarmos a sério tudo o que dissemos aqui sobre coontogenia e sistemas sociais (fenômenos que se aplicam ao humano, como a qualquer organismo), uma palavra só poderá se referir a algo no mundo para duas pessoas, após o estabelecimento do domínio consensual entre essas pessoas. O psicólogo Michael Tomasello, que estuda o desenvolvimento da linguagem nas crianças, explica elegantemente como o bebê e sua mãe aprendem a apontar juntos para o mundo. Trata-se, então, de um processo que requer consenso, antes de referir.

Do mesmo modo, as regularidades gramaticais e os sinais utilizados só farão parte da linguagem após a coordenação de ações. Nenhum som, gesto ou grafismo, nenhuma regra combinatória ou regularidade gramatical, faz, de antemão, parte da linguagem. Fundamental, na linguagem, é o que os seres fazem juntos. É a partir daí que os organismos apontam para um mesmo mundo, e selecionam, ao apontar para o mundo, determinados ruídos ou gestos. Não duvido que a linguagem humana seja só humana. Afinal, em nossa história comum, em nossa convivência de milhares de anos como linhagem, e em nossas convivências (e rupturas) históricas e diárias, conservamos e transformamos determinados modos de viver na linguagem, gerando determinados

sons, gestos e regras compartilhadas. Certamente, esse conviver humano na linguagem é responsável por coisas maravilhosas que fazemos hoje, como a arte, a religião e a ciência (e por muitas outras, nem tão legais assim). Da mesma forma, há coisas que outros seres fazem juntos que não conseguimos fazer (ou até compreender), pois não fazem parte da nossa história de conversas comuns.

CLEVER HANS

O outro argumento dos cientistas para distinguir entre linguagem e comunicação é dizer que só o humano fala, pois é unicamente dotado de algum atributo especial, mental, cultural ou fisiológico (geralmente, cerebral). Esse é um debate complicado, e, para terminar meu texto sem mais complicações, vou contar uma história.

O cavalo Clever Hans mobilizou vários estudiosos, no início do século XX, para entender como esse animal, além de compreender alemão, respondia corretamente às perguntas feitas, batendo os cascos no chão ou realizando outros movimentos corporais. Em 1904 foi organizada uma comissão reunindo zoólogos, professores, donos de circo e até militares, para avaliar o fenômeno. Os membros da comissão investigavam a possibilidade de truques, principalmente pistas não verbais dadas por seu cuidador, mas não conseguiram descobrir nenhum engodo. Até que o psicólogo Oskar Pfungst, por meio de engenhosos experimentos, formulou a hipótese de que o cavalo, por algum meio não compreendido, era capaz de detectar mudanças comportamentais na audiência, iniciando ou completando seus próprios movimentos indicativos da resposta. Ou seja, tratava-se, afinal, de um truque, e todos podiam dormir sossegados, sabendo que nenhum cavalo sabia alemão. Desde então, o “caso Clever Hans” tem servido para que os investigadores, ao fazer experimentos com inteligência ou comunicação animal, não forneçam “pistas não verbais” a seus sujeitos investigados.

Concordo com a hipótese de Pfunst sobre a esperteza de Clever Hans, mas tenho



uma ideia bastante diferente sobre suas conseqüências para uma distinção da linguagem humana. Clever Hans era, de fato, um cavalo excepcional. Demonstrando uma sensibilidade rara no trato com seres de outras espécies, Hans comportava-se em relação a seus observadores humanos como um autêntico parceiro de bate-papo: não só agia de acordo com o comportamento das pessoas, como suas ações tornavam-se, para elas, significativas (ou não teria conseguido enganar a cética comissão). Clever Hans coordenou suas ações com seus interlocutores humanos, e esses viveram, na linguagem, a experiência de dizer: “olha, o cavalo está falando”.

Imagem disponível em: <https://forbiddenhistories.files.wordpress.com/2014/08/hans.jpg>



Clever Hans diante da comissão (1907).



Referências bibliográficas

MATURANA, Humberto. Ontologia do conversar. In: MAGRO Cristina; GRACIANO, Miriam; VAZ, Nelson, (Orgs.). **Humberto Maturana: a ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997. p. 167-181.

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIANNA, Beto. Co-ontogenia: una aproximación sistémica al lenguaje. **Revista de Antropología Iberoamericana**. vol. 6, no. 2, p. 135-158. mai-ago, 2011.